



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### A Brasília de Sampaio

Na virada da década de 1970, um rapaz magricela apareceu no programa *Fantástico*, da Rede Globo, cantando versos estranhos: “Hoje está passando um filme de terror/Na sessão das 10 um filme de terror/Dura um ano inteiro, o filme de terror”. A repórter perguntou ao cantor por que tanto horror e ele respondeu: “É uma questão de alimentação. A-li-men-ta-ção”. Estávamos no ápice do regime de exceção.

O cantor capixaba Sérgio Sampaio nasceu na mesma Cachoeiro do Itapemirim, de Roberto Carlos. Os dois primeiros discos de Sampaio são primorosos. Em

Brasília, ele tinha — e tem — muitos admiradores apaixonados por sua música.

E, da minha parte, tive a chance de contribuir para ampliar a conexão de Sampaio com Brasília. Eu participava do conselho consultivo da Funarte e sugeri que ele fosse convidado a fazer um show no auditório da instituição, próximo à Torre de TV.

Sérgio apresentou performance memorável, acompanhado apenas do violão. Ele era uma espécie de anti-Roberto Carlos, não sabia conviver com o sucesso. No entanto, era fã do terrâneo, sempre quis que alguma composição sua fosse cantada por Roberto, mas foi inútil. Sampaio vingou-se com uma linda e pungente canção, *Meu pobre blues*: “Eu não preciso de sucesso/Só quero ouvi-lo cantar meu pobre blues/E nada mais”.

Um outro grande momento do show

foi a canção *Ninguém vive por mim*, em que Sérgio toca na sina de marginalizado pela indústria cultural. Ele resistiu de maneira heroica: “Fui tratado como um louco/Enganado feito um bobo/Devorado pelos lobos/Derrotado, sim/Escapei desta quadrilha/E hoje estou aqui/O pior dos temporais/aduba o jardim.”

Pois bem, depois desse show, Sérgio voltou várias vezes a Brasília, fez amigos e namorou mulheres brasilienses. E, o mais importante, compôs uma linda canção para Brasília, com toda franqueza, contidência e afeto.

Ela não se perdeu graças ao empenho de Zeca Baleiro, que a recolheu e registrou no disco póstumo *Cruel*. Da mesma maneira que tantos outros forasteiros, Sampaio chega a Brasília atulhado de preconceitos, ideias fechadas e frases feitas.

Mas, ao abrir-se para a convivência

com os brasilienses e com o cotidiano, ele começa a perceber as singularidades da cidade: “Quase me sinto em casa em meio a suas asas/E dablus e eixos e ilhas/Brasília cidade que um dia eu falei que era fria/Sem alma, nem era Brasil/Que não se tomava café numa esquina/Num papo com quem nunca viu”.

E acho que todos nós que não nascemos na cidade fazemos esse percurso, com menor ou maior variação. Primeiro, o estranhamento e a recusa; em seguida, a interação com as circunstâncias novas; e, por fim, o reconhecimento de Brasília.

E não foi diferente com Sérgio Sampaio. Mas o que me parece interessante é a franqueza com que ele expressa as dificuldades, os trâmites e os limites do embate com a cidade. Não esconde os desencontros, os desafios e a indiferença inicial. Não concebe o diálogo fácil e

demagógico, como fazem, por exemplo, os cantores sertanejos.

Em vez disso, afirma que “quase” se sente em casa em Brasília e admite que precisaria de mais tempo para captar a cidade no desenho, nos lugares e no espírito. Reconhece, humildemente, que é preciso conhecer primeiro, antes de lançar veredictos sumários, com ares de juízo final: “Sei que preciso aprender/quero viver pra saber/e conhecer Brasília/Ver o que há no Paranoá/lago de sol, noite, lua”.

Os forasteiros que aterrissam em Brasília, carregados de verdades prontas e de armadilhas, deveriam ouvir essa canção de um estrangeiro que abriu os radares para interagir com a cidade e se enamorou por ela. A canção de Sampaio mostra que o amor é uma forma de conhecimento sobre a cidade: “O olho do amor/descobre armadilha/assim vim ver Brasília”.

**LEGADO /** Donalva Caixeta foi uma das primeiras mulheres a trabalhar como repórter no **Correio**. Vinda de Minas Gerais, destacou-se pelas importantes coberturas de temas de interesse a Brasília e ao país. Ela cobriu a vinda da rainha Elizabeth II

## Donalva, repórter de grandes temas

Donalva Caixeta — falecida, ontem, durante uma viagem turística ao Peru — era uma jornalista que assinava grandes matérias de capa, sobre diversos temas de importância para o país e a cidade. A lembrança é de sua colega de profissão, Liana Sabo, que recordou os tempos em que trabalharam juntas no **Correio Braziliense**, onde Donalva foi repórter entre 1967 e 1973.

Segundo Liana, ambas começaram no jornal no fim da década de 1960. Elas escreveram suas primeiras coberturas na editoria de *Cidades* — que cuida dos assuntos da capital federal — e, em seguida, ainda que no mesmo veículo de imprensa, cada uma foi para uma área diferente. “Fui ser setorista na Esplanada, na área de ministérios, enquanto Donalva se especializou em cultura”, explicou.

Donalva e Valdiria Bezerra,



Cobertura da jornalista à visita a Brasília da rainha Elizabeth II

segundo Liana, eram cronistas do começo de Brasília. “Escreviam reportagens da capital que vivia seus primeiros anos, com sua geografia ainda incompleta.

Ela lembrou que, com Donalva, os famosos foram

figurinhas fáceis para elas. “Por inúmeras vezes formamos dobradinha para cobrir eventos na cidade, como na primeira e única visita da Rainha Elizabeth II ao Brasil, no começo de novembro de 1968. Estivemos em toda a programação real. Foi Donalva quem escreveu sobre a visita à Escola-Classe da 308 Sul, quadra modelo da cidade, onde muita gente se aglomerou para ver a Rainha e o Príncipe Philip”, disse.

Sobre Donalva, Liana acrescentou que a colega era “pequena na estatura e enorme no talento”. E completou: “tinha o bom texto nas veias”. E assegura que a excelência profissional dela foi mantida nos demais lugares em que trabalhou.

Até o fechamento desta edição, não foi possível receber informações sobre o traslado do corpo para o Brasil e nem do sepultamento. Tampouco se sabe a causa do falecimento da jornalista.

Correio Braziliense/Reprodução



Militares premiam Donalva Caixeta em concurso de reportagens em 1973. Ela obteve o segundo lugar

## A despedida à jornalista que driblou o machismo

» ISABELA STANGA

Pioneira no jornalismo brasiliense, Edilma Neiva Ibiapina faleceu, ontem, aos 77 anos. Ela, que começou a estudar comunicação na Universidade de Brasília (UnB), em 1970, estava internada no hospital Santa Lúcia com um quadro de dengue grave. Sua escolha pelo curso foi o primeiro passo para uma carreira rica em experiências e muitos amigos na capital federal.

Ainda aluna da UnB, Edilma estreou na área como estagiária na TV Globo Brasília, e logo se tornou repórter. Ela foi a primeira mulher da emissora local e, também,

precursora em fazer uma reportagem para o *Jornal Nacional* desde Brasília, em uma época em que não se debatia o papel da mulher, e o machismo na profissão era escancarado. “Ela sempre teve uma força muito grande de combater o machismo e fazer o seu trabalho”, afirma o filho dela Fábio Ibiapina.

“Repórter ágil, talvez tenha deixado como legado haver aprendido cedo a fazer matérias que sempre facilitavam o trabalho dos editores. Entendeu cedo a dinâmica da TV, a rapidez e a objetividade. Pessoa muito bem-humorada, solidária e que amava o que fazia”, afirma José Natal, que trabalhou com Edilma na década de 1980.

**Generosidade**

No jornalismo, fez de tudo: foi repórter, editora de texto, produtora, editora-chefe e diretora-chefe. Foi apresentadora do DFTV, repórter do *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional*. Também teve passagens pela TV Bandeirantes e SBT, que ajudou a fundar.

Nos bastidores da profissão, era generosa, amiga e preocupada com as outras pessoas. “Por onde eu passo, muitas pessoas me procuram para agradecer por alguma ajuda que minha mãe deu, algum conselho, alguma vaga de emprego, algum

ensinamento. Agora ela parte deixando muitos amigos e muita saudade para todo mundo”, diz Fábio Ibiapina.

“Na semana do aniversário de Brasília, perdemos uma de suas maiores referências. Não só da Brasília que cobrimos, da política, mas de casa. Tanto Edilma quanto o marido acreditaram muito na capital federal, logo no começo, e mostraram que dá para ser feliz aqui. Ela deu cor à cidade. Edilma era uma ‘casa’ sempre aberta para nos receber, acolher e que virou um ponto de afeto, leveza e bom humor”, lembra Simone Souto, amiga de Edilma.

Arquivo pessoal



Edilma foi a primeira mulher a trabalhar como repórter na TV Globo

### Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

#### Sepultamentos em 17 de abril

##### » Campo da Esperança

Aldair Epifânio Ferreira, 90 anos  
Alicia Alves Patrícia, 44 anos  
Aurélio Anichese Ribeiro de Souza, 80 anos  
Beatriz Athayde Alcântara de Carvalho Meireles, 93 anos  
Bruno Alencar dos Santos, 27 anos  
Célia Aparecida Nunes, 52 anos  
Francisco das Chagas Oliveira, 63 anos  
Francisco Gabriel, 82 anos  
Gláucia Martins Borges, 86 anos  
Claudirena Barbosa de Oliveira, menos de um Ano  
Pompílio Almada Horta Cruz, 90 anos

Rafael Silvério de Paulo, 41 anos  
Raimundo Gomes Filho, 87 anos

##### » Taguatinga

Alexsandro Aires Carvalho, 42 anos  
Alice Moreira Aleixo, menos de um Ano  
Antônio Fernandes Santos, 82 anos  
Denise Cardoso dos Santos, 48 anos  
Divina Jerônimo Gonçalves, 72 anos  
Eliana Dalva Silva Pinheiro, 66 anos  
Énio Rosa dos Santos, 47 anos  
Esmeralda da Silva Rocha, menos de um Ano

João Vicente Sobrinho, 68 anos  
José Cosmo Ribeiro, 83 anos  
Maria das Dores Moraes, 89 anos  
Pedro da Silva Lopes, 72 anos  
Rosimeire Vilela Marques, 73 anos  
Sidônia Fernandes dos Santos, 54 anos  
Valda Holanda Farias, 75 anos  
Walter Alves Aranha, 59 anos  
Wanderley Cavalcanti Bezerra, 48 anos

##### » Gama

Ana Victória Fernandes Ferreira, menos de um Ano  
Esmeralda da Silva, 25 anos

Elias de Andrade Reis, 66 anos  
Havi Rodrigues da Silva Gomes, menos de um Ano  
Jerônimo Monteiro dos Santos, 75 anos  
Josivaldo Ferreira da Silva, 49 anos  
Laysla Alves, menos de um Ano  
Manoel Tomaz da Silva, 70 anos  
Raimundo Francisco de Souza, 81 anos

##### » Brazlândia

Antônio Veloso de Andrade, 54 anos  
Cemitério de Sobradinho  
Jôsa da Cunha Matos, 68 anos  
Sônia Justino de Almeida, 62 anos

##### » Jardim Metropolitano

Lécio Ribeiro da Silva, 54 anos  
Cremações  
Jorge de Oliveira Nunes, 97 anos  
Milan Simon Victorio Martin Barrientos, 63 anos  
José Carlos Amaro Antunes, 77 anos

Mechthild Hildegard Sichtermann, 80 anos  
Helena Vitorino Vecchi, 101 anos  
Marise Schweitzer Daum, 80 anos  
Sebastião Carneiro Pinto, 76 anos  
Maria Maristela Lima Silva, 69 anos

### DEPUTADO FEDERAL BETINHO ROSADO

MISSA DE 7º DIA

Os amigos do Deputado Federal Betinho Rosado, do Rio Grande do Norte, convidam para Missa de 7º Dia, à realizar-se HOJE, 18/04, às 18h30min, na Igreja São Pedro de Alcântara, localizada na QI 07/09 Lago Sul.